

[De Eder Sader a Erico Sachs. Correspondência e outros documentos de Erico Sachs. Pasta 6]

Montevideo 25 X 70

Meu velho,

Já há tanta coisa para falar que é difícil saber por onde começo. Evidentemente muita saudade, muita vontade de te ver perto ou ao menos de saber quando. Sentimos muito tua falta na hora das piores brigas. Tua presença firme ajudaria muito.

Tinha uma carta para você por volta de janeiro que acabou retornando por não encontrar portador. Depois, te confesso que me desgostou a forma indiferente e superior com que você me julgou (minha vacilação "não te surpreendia") sem encarar por um só momento tuas próprias responsabilidades. Naquelas condições eu não seria a melhor pessoa para me corresponder contigo e acho que andei certo.

Naturalmente se nós nos encontrássemos pessoalmente as principais diferenças – que não são pequenas – seriam acertadas entre nós. Mas assim à distância sempre ficam muitos mal-entendidos e nem eu posso pretender discuti-los nestas condições. Se vou me referir a eles é na medida em que se relacionam com nossa situação objetiva.

Penso que nossa estagnação e vacilação em 69 foi agravada pelo teu afastamento em agosto. É verdade que tua visão lúcida transmitida em julho não alcançou um bom auditório. E bem sei que eu mesmo – perdido em pretensões de "novos avanços políticos" – não compreendi a extrema correção daquele programa singelo e sem revelações teóricas. Mas você não mais se esforçou para ganhar-nos para ele, para mostrar o que ele significaria, enquanto política interna, o que deveríamos fazer. Nem digo que você não esgotou as possibilidades de reorientar a direção: na verdade, você nem começou a tentar reorientá-la. Os encontros espaçados e irregulares não podem ser encarados seriamente como um mínimo de empenho de tua parte. Tua saída então foi a desorientação geral. Enquanto você se desresponsabilizava da direção por não concordar com seu rumo, que orientação deixava para quem, dentro dela, pretendia te seguir? Praticamente nenhuma. E como nós já estávamos desorientados, aquilo foi apenas um dado a mais: éramos a maioria de uma direção cujo líder havia saído por não concordar com seus rumos!

O resultado foi desastroso. Na GB, onde você pode orientar o Roberto, ele pode ter um papel importante na nossa constituição em fração. Em SP eu e o JP nos ajudávamos num trabalho de direção cada vez mais irreal, sem perspectivas concretas. JP foi se esvaziando politicamente, se burocratizando e tornando-se vulnerável à campanha mais grosseira dos "renovadores". Eu fui me afundando numa política estúpida da "criação de um núcleo de coesão" através de equilíbrios já impossíveis. Quando eles desencadearam sua torrente de documentos para arrasar a direção, já nos encontraram tremendamente enfraquecidos. Em dezembro, na seção chave (onde estávamos) eles controlavam 4/5 do pessoal, incluindo os principais quadros intermediários. Estávamos isolados numa direção paralisada pela falta de confiança das bases e pela sabotagem organizada dos quadros intermediários. Ao contrário dos meses anteriores, ficamos na defensiva.

O que nos permitiu reagir foi contarmos – mais uma vez! – com as principais bases operárias. Principalmente uma onde estava Gustavo e que iniciava um trabalho extremamente promissor. Foi nela que as coisas se precipitaram. Quando as discussões mais imbecis começaram a comprometer o trabalho político com os grupos operários locais, decidimos que a base romperia a disciplina e apontaria o caminho para o resto. Constituíram-se temporariamente em "célula Ernesto Martins", sendo o nome uma forma de deixar claro suas alternativas. (Em certas circunstâncias, o "culto à personalidade" tem um papel positivo, não achas?)

O fracionamento – da forma como se deu – foi resultado de nosso enfraquecimento prévio. Não podíamos mais esperar que as divergências básicas (você já viu os materiais? Insista para recebê-los) viessem claramente à tona. Em verdade, ao contrário de 67, tratava-se mesmo de divergências táticas e não programáticas. As divergências eram poucas mas a unidade tornava-se insuportável porque: a) a Org. estava em processo de desagregação; b) eles estavam em crescente maioria e seus métodos de discussão e direção nos impediria qualquer recuperação interna. Era vital para nós agruparmos as forças com que contávamos para iniciar as atividades básicas e retomar os debates que se tinham frustrado. Certamente teríamos saído com mais força se pudéssemos podido levar o debate mais adiante para deixar claro o voluntarismo e o oportunismo da alternativa esboçada por eles. Mas demandara um tempo precioso. Seria preciso comandar os debates. Para não se expor, eles se concentravam em dezenas de documentos criticando nosso amadorismo e espontaneísmo passado e apontando critérios formais não de todo errados para uma política organizatória. Só de passagem apareciam seus desvios

fundamentais. E o fato deles contarem com a grande maioria dos quadros intelectuais fez com que eles é que determinassem na prática o rumo dos debates. Para cada documento nosso apareceram mais de meia dúzia deles. Esperar assim que as divergências políticas se aclarassem era correr o sério risco de antes se desagregar as bases principais que contávamos e que se desgastavam numa discussão estéril.

A partir do fracionamento – e que culminou por volta de abril – as coisas mudaram radicalmente. Logo um novo dinamismo tomou conta de nós. O ponto de partida foram posições básicas como as de “Por uma prática partidária”. Como você tinha escrito aí, tais teses não eram novidade entre nós. Mas novidade seria tirar as suas conseqüências. Nós começamos.

Pela primeira vez passamos a concentrar de fato as forças em determinadas áreas operárias e a direção se constituiu para orientar essa atividade prioritária. Neste momento, em função da conjuntura e das nossas forças, concentramos nossos esforços no avanço de certas lideranças operárias locais que se formaram independentemente ou que se desprenderam de suas Orgs. no processo de desagregação de 69. Atuamos com 4 a 5 grupos desses, de desigual formação, mas sustentados nas fábricas e numa prática anticapitalista, entre GB, SP, MG. Compensamos nossa impossibilidade de aparição nacional pela efetiva concentração em poucas áreas estratégicas. Isso nos deu uma grande vantagem local mesmo em comparação com Orgs. Maiores e de repercussão nacional, mas dispersas e sem um sério empenho de fixação de bases. O POC se perdeu por suas ambições. No começo do ano tinham uma clara maioria sobre nós mas agora já estão para trás. Dispersivos pelas suas pretensões irreais, perderam muitos quadros, estão atualmente divididos (Emilio se autocriticando em direção nossa e Raquel contra), estagnados e nossa capacidade de atração sobre suas bases já é sensível. Estamos preparando um Encontro de Lideranças Operárias e já realizamos um encontro preparatório com representantes dessas lideranças de fábrica. O ELO extrairá e trocará experiências, aproximará grupos e lançará nacionalmente a perspectiva proletária. Ele reflete o centro de nossos esforços políticos e organizatórios. Desde abril até outubro tiramos religiosamente o jornal uma vez por mês.

Longe de mim agora as falsas euforias que nos puseram a perder em 68. temos plena consciência das nossas limitações (ainda não superamos efetivamente o amadorismo) e das limitações do nosso trabalho (bastante reduzido ainda e de reduzida repercussão). Não somos um p[artido]. Somos apenas um pequeno núcleo

centrado numa atividade básica que pode criar bases mais avançadas para a futura criação do p. Temos que ter, por isso, uma política mais aberta, principalmente para esses grupos operários. Ainda não somos bem profissionais. Longe disso. Mas o que é positivo agora é que nossa atividade fornece melhores condições para a nossa formação de fato como organização de combate de classe.

Quanto à conjuntura geral, prossegue ainda aquela cujo início você presenciou. Desagregações, ofensiva repressiva e política do governo, deserções. Enfim, prossegue ainda a baixa. Não julgamos que ela possa se prolongar muito porque os fatores estruturais não se alteraram (taxas de emprego e de salários das grandes massas não mudaram quase nada a despeito do 2º. Ano consecutivo de alta do crescimento do PIB) e o povo não apoia mesmo o regime. Mas atualmente ele também se cansou de esperar a realização dos projetos prometidos pela esquerda. Presentemente há um sentimento geral de expectativa e crença nas possibilidades do regime. VPR e ALN vão se unindo e pretendem "responder à altura" às ofensivas reacionárias. De outro lado, dentro da VAR são nítidas as tendências para um "recoo tático" e "retorno às massas". BR [PCBR] e DI [Dissidência] se esfacelaram. DoB [PCdoB] é aquilo mesmo. Além dos grupos proletários e do POC, nossa atenção principal se volta para a evolução das bases da VAR. Mas nossa capacidade de atração depende ainda do amadurecimento das bases operárias.

Aqui fora – estou há uma semana – sinto algumas tendências dos balanços feitos pelos brasileiros. Penso que a VAR tende a predominar e a atrair os melhores elementos, por representar: LA [Luta Armada], programa socialista e tática "mais adequada". A crítica principal que lhes cabe é que o trabalho operário ainda é visto no fundo como "reforço logístico" para uma LA isolada. Lá no Br[asil], uma Coord[enação] Op[erária] deles já critica os próprios fundamentos desse neo-debraysmo, mas não é uma posição majoritária. Aqui, para quem acompanha as coisas pelas manchetes dos jornais é mais fácil aderir às estratégias de mais rápida "repercussão". Parece que Santiago será o centro. Encontrei aqui o Laerte de passagem para lá. Agora apóia Emilio e ânsia por uma reaproximação imediata conosco. Disse-lhe que a curto prazo qualquer reunificação seria fictícia (com a atual direção deles, enquanto ela tiver capacidade de liderança interna, seria um desastre. Isso não lhe disse mas é um fato) mas acertei com ele uma correspondência e divulgação nossa para lá. Disse-me que o Cláudio está próximo da VAR. O Bento está próximo mesmo, o que é natural. A atitude que no velho Menezes poderia ser chamada de suicida e que teve muito de heróica, ainda que errada, nesses alimentadores teóricos do exterior (de que o irremediável Mike nos parece ser apenas um exemplo mais lastimável) é uma atitude criminosa.

Estaremos juntos na defesa do programa socialista e numa perspectiva internacional comum ou próxima, mas devemos combater intransigentemente suas coqueterias irresponsáveis com o oportunismo neo-debraysta. É preciso ainda um esforço paciente para ganhar elementos que foram atraídos pela VAR porque viriam nela o profissionalismo revolucionário (de uma atividade equivocada) enquanto nós permanecemos teimosamente amadores. Há excelentes quadros por ganhar mas para isso seria preciso o combate implacável aos expoentes teóricos do vanguardismo.

Na verdade, devido ao nosso fracasso de 68-69, não espero frutos imediatos dessa luta ideológica; onde hoje se decide nossa sobrevivência e no futuro é na atividade concreta. Mas do que nunca, sem o exemplo prático nosso verbo se gastará em vão. Já falamos demais.

O que mais esperamos do trabalho teórico hoje é que forneça os fundamentos para a continuidade e maior alcance da nossa atividade. Esperamos muito de você. Espero que você esteja levando avante seus estudos.